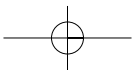
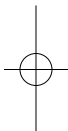
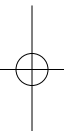




OS PRIMOS





O TESOURO DO VELEIRO
ESPANHOL

Mafalda Moutinho

Autora

Até há pouco tempo foi Consultora de Gestão em Londres, numa grande empresa de consultoria multinacional, a *Accenture*.

Licenciou-se no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas de Lisboa, em Relações Internacionais, e completou os estudos com um *Master* em Londres, no London Centre of International Relations da Universidade de Kent.

Trabalhou sediada em Londres de 1997 a 2003, viajando muito e vivendo cada ano em cidades e países diferentes: Paris, Milão, Cairo, Haia, Estocolmo, Madrid e Roma.

Desde 2003 vive em Milão e tem-se dedicado exclusivamente à escrita.

O *síte* da colecção pode visitar-se em www.osprimos.com.



O TESOURO DO VELEIRO
ESPANHOL

Mafalda Moutinho

Ilustrações
Umberto Stagni



DOM QUIXOTE

Publicações Dom Quixote

Edifício Arcis

Rua Ivone Silva, n.º 6-2.º

1050-124 Lisboa . Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2008, Mafalda Moutinho e Publicações Dom Quixote

Capa | Atelier Henrique Cayatte

Ilustrações | Umberto Stagni

Revisão | Manuel Coelho

1.ª edição | Abril de 2008

Paginação | Maria da Graça Manta

Depósito legal | n.º

Impressão e acabamento | Guide - Artes Gráficas

ISBN | 978-972-20-3403-6

Índice

[11] NOTAS E AGRADECIMENTOS

[13] DOIS ESTRANHOS CASOS

[33] O SACO PRETO

[63] A REGATA

[85] O VELEIRO-FANTASMA

[115] ;*TIBURÓN!*

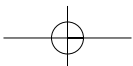
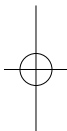
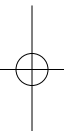
[137] *SOS*

[157] EM BUSCA DO SANTO GRAAL

[179] UM PLANO DE GÊNIO



Aos navegadores e exploradores
que não chegaram a colocar
o seu nome na História



NOTAS E AGRADECIMENTOS

Cada novo livro representa para mim um desafio, uma tentação e leva-me a ingressar numa espécie de enlevo temporâneo. O que vai acontecer desta vez? Para onde irão **Os Primos**? O que vão eles ver e descobrir? E com quem?... É assim que vivo as novas histórias da Ana, da Maria e do André, como um leitor que observa o decorrer dos eventos do lado de fora, um espectador que aguarda com ânsia o desfecho de mais um capítulo e o resolver de um novo mistério. Todavia, como escritora, não me basta virar a página para encontrar mais um pedaço de narrativa. As páginas à minha frente estão sempre vazias e a minha tarefa é preenchê-las com aquilo que me vai ditando a mente e a imaginação, enquanto me deixo seduzir pelo novo desafio.

Desta vez, para além da investigação, do seguir, com paixão, a *America's Cup* na belíssima Valência, dos cursos de vela e dos contactos importantes, resolvi introduzir um elemento novo: O *Tesouro do Veleiro Espanhol* transcorre num ambiente espa-

[12] O Tesouro do Veleiro Espanhol | *Mafalda Moutinho*

ciotemporal deveras reduzido. Com efeito, **Os Primos** vão ter de resolver um mistério sem saírem do veleiro onde se encontram, utilizando as pistas à sua disposição e, sobretudo, colocando o seu poder de dedução à prova. E tudo isto em dois dias, no meio do mar, sem o auxílio da Internet ou de bibliotecas antigas...

Gostaria de agradecer ao Prof. Doutor Mendo Castro Henriques, Director do Departamento de Investigação do Instituto de Defesa Nacional, e à navegadora Teresa Maria Gamito, que teve a amabilidade de me elucidar relativamente aos muitos termos náuticos empregues no livro.

Agradeço igualmente a Richard Bamford que, com o seu *Dolfijn*, as suas *tips* e os inúmeros relatos de aventuras, me deu tanta inspiração.

Muito obrigada também aos meus pais, à Xana, ao Carlos, ao Roberto, ao Umberto Stagni, à Rita Cruz, à Carla Pinheiro e, claro, aos fãs d'**Os Primos** que continuam a aumentar e a quem agradeço especialmente as mensagens e comentários que me chegam através do *site* www.osprimos.com.

I

DOIS ESTRANHOS CASOS

– Sabem o que é isto? – perguntou ele, aproximando o estranho objecto da *webcam* ligada ao computador.

André encontrava-se na casa dos pais, em Évora, falando ao telefone com as primas através da Internet, como fazia há muito, aproveitando as vantagens das chamadas *VoIP*. De outra forma as contas de telefone seriam altíssimas, tendo em conta a distância entre os jovens e o tempo que normalmente passavam a conversar. Londres não ficava propriamente ao virar da esquina e tinham sempre imensas novidades para contar uns aos outros.

– Então? Não adivinham? – insistiu ele, mostrando às primas os vários ângulos do objecto.

Ana e Maria aproximaram-se do ecrã, cada vez mais concentradas, de olhos semicerrados e semblante inquiridor.

Não tinham voltado a estar com o primo desde a transferência dos pais, os embaixadores Torres, para a capital britânica, em Outubro do ano anterior, e já andavam com saudades dele.

Ao fim e ao cabo, tinham passado vários meses desde a resolução d'O *Segredo de Craven Street*, cujo cenário principal fora precisamente o apartamento para o qual os Torres se tinham mudado no início da estada em Londres.

O objecto que as irmãs viam girar no ecrã à sua frente não era fácil de identificar, apesar da excelente resolução da *webcam*, e isto começava a provocar alguma impaciência em Maria, a mais velha.

– Não sei... Faz-me lembrar as mãos do Johnny Depp no filme *Eduardo Mãos-de-Tesoura*... – arriscou ela, com um dos seus risinhos típicos.

– Ummm... – murmurou André, como se estivesse a analisar se poderia aceitar a resposta como válida, mas por fim disse: – Não. Andas muito longe...

– Vá lá, André! – resmungou, ansiosa. – O que é?

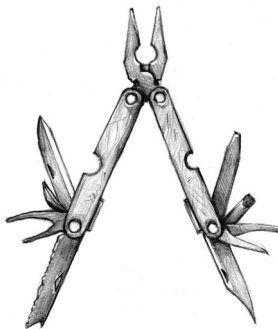
O rapaz colou o nariz à *webcam* e finalmente explicou:

– É um alicate multiusos!

Ana e Maria olharam uma para a outra e ergueram de novo o sobrolho.

– Um quê? – perguntaram ao mesmo tempo.

– Um alicate multiusos! – repetiu André. – Tem imensos utensílios: pode ser usado como alicate de pontas, corta-aramé, navalha, chave de parafusos, serra de madeira, abre-manilhas, suporte para chaves de pontas, abre-latas, abre-cápsulas, régua, anilha de segurança, tesoura, lima... É óptimo!



– *Ótimo?*... – interrompeu Maria, com um tom provocador. – Os escuteiros não costumavam usar um canivete suíço, ou algo parecido? Essa *coisa* pode dar jeito para arranjar as unhas, mas... tem um ar tão assustador!

– Também te assustas com tudo e mais alguma coisa... Pois fica sabendo que se trata de uma ferramenta fundamental para qualquer marujo que se preze.

– Marujo? – perguntou Ana, curiosa. – Então é a isso que te andas a dedicar agora?

– Adivinhaste! – exclamou o primo. – Não tenho pensado noutra coisa desde que fiz o curso de vela ligeira na Páscoa. Tenho ido quase todos os fins-de-semana praticar.

– A sério? Um curso de vela? Que espectáculo! Nem acredito... – comentou Ana, estupefacta, olhando para a irmã.

Maria encolheu os ombros, igualmente surpreendida.

– É certo que as coincidências continuam a deixar-me banzada...

– Coincidências? – perguntou o primo. – De que estão vocês a falar? Que coincidências são essas? Ummm... Agora é a minha vez de ficar curioso...

– Dizes-lhe tu, ou digo-lhe eu? – quis saber Ana, divertida com a impaciência de André.

Maria sorriu, colocou-se mesmo em frente da câmara e endireitou-se na cadeira. Depois esfregou as mãos, aclarou a garganta e por fim perguntou:

– Então, priminho? Diz-me lá: tens dado muito uso a esse alicate?

– Hã?... Sim, bastante – respondeu André, confuso. – Mas... porque é que perguntas?

Maria voltou a sorrir, sem responder e Ana piscou-lhe o olho, conivente.

– Porque senão... vais ter uma oportunidade excelente para o utilizares daqui a algumas semanas!

– Algumas semanas?... – perguntou o jovem, começando a fazer contas de cabeça. – Queres dizer no final de Junho?

– Sabes o que se vai passar nessa altura, não sabes?

André empalideceu de repente. Sabia bem o que se passaria no final de Junho, mas não podia acreditar que a prima se estivesse a referir à mesma coisa.

– Por acaso não estás a falar da...

– Sim! – exclamou Maria, interrompendo-o. – Por acaso até estou... Estou a falar da *America's Cup*, a competição mundial de veleiros.

– Em...

– Valência!

– O quê?! Vá lá! Digam-me que estão a brincar, senão ainda tenho um ataque de coração! – implorou ele, de mãos postas.

Cascais tinha perdido, a favor de Valência, na escolha para organizar a Taça América, decisão esta que afastara a possibilidade de assistir às regatas em Portugal. Mas... e se houvesse outra ocasião para o fazer, ao vivo? Seria incrível!

Tal como os Jogos Olímpicos e os Campeonatos Mundiais e Europeus de Futebol, o evento ocorria de quatro em quatro anos, embora nos últimos tempos se discutisse a possibilidade de o transformar em acontecimento bienal. Porém, na Taça América, em vez de equipas de onze jogadores, as competições disputavam-se entre grupos de dezassete tripulantes em barcos excepcionais de milhões de euros, utilizando a tecnologia mais avançada e velejadores muito experientes.

Seria emocionante assistir de perto aos duelos disputados entre dois barcos de cada vez, observar como ultrapassavam as bóias arriscando colisões, como seguiam as normas da regata enquanto analisavam os ventos, as rotas e os erros dos adversários, manuseando instrumentos específicos para o efeito, subindo ao topo do mastro, executando operações em poucos segundos e pondo em prática estratégias audaciosas, com o grande objectivo de vencer a taça.

– Não, não estamos a brincar – assegurou Ana. – Os nossos pais decidiram alugar um daqueles barcos que assistem de perto às regatas e é por isso que resolvemos telefonar-te. Estás interessado em vir connosco, por volta da última semana de Junho?

– Mas... mas essa é a semana da regata final!...

André respirou fundo e engoliu em seco, tentando recuperar o sangue-frio. Não podia acreditar na sua sorte. Por um lado, as primas acabavam de lhe dizer que em breve voltariam a passar uma semana de férias juntos, o que só por si era excelente; por outro, tratava-se de férias passadas num barco à vela, algo que tanto ele como os amigos andavam a pedir aos pais desde o curso feito na Páscoa, sem grande esperança de obter um sim.

Mais incrível ainda era o facto de aquela não ser uma semana qualquer. Era, precisamente, a semana em que se disputava a final da maior regata do mundo, a *America's Cup*, patrocinada pela famosa marca de roupa e acessórios *Louis Vuitton*, e que há cento e cinquenta anos não tinha lugar no Continente Europeu.

– E vocês querem saber se eu estou... interessado?! – perguntou, não cabendo em si de contente. – É claro que estou interessado! Vou ensinar-vos tantas coisas que vocês nem imaginam!

– Bem, já estou a ver que o melhor é comprarmos um manual de vela para nos prepararmos – sussurrou Maria, ao ouvido da irmã, cobrindo o microfone com a mão. – Senão vamos ter de aguentar o André a fazer de mestre durante uma semana inteira!

– Pfffff! Podes crer! – riu Ana baixinho, a imaginar a cena.

– ... E podemos contar histórias de marinheiros... – continuava o primo, sem as ouvir – ... Procurar tesouros no mar ou...

– Procurar tesouros no mar?! – sussurrou Maria, divertida, enquanto desenhava a caricatura do primo e lhe evidenciava os traços de explorador de arcas de tesouro.

– ... Ou organizar concursos de pesca, quando não houver regatas a que assistir! Vai ser o máximo!

– Sim... sobretudo se formos nós a ganhar, como já vem sendo hábito! – riu Maria.

– Que disparate! Desde quando?

– Ora! Desde o concurso de montar tendas no deserto, no Egipto! – riu Ana, recordando o episódio. – Já te esqueceste?

– Isso foi porque o idiota do Raul não seguiu as minhas instruções como deve ser¹! – justificou-se o rapaz, mudando de assunto rapidamente, para inquirir: – E quem é que vai conosco? O barco é grande? Há miúdas?

Ana e Maria sorriram uma para a outra.

– Não. Miúdas, não há...

– Oh, que pena... – disse André. – Mas não interessa, também já era sorte a mais. Não se pode ter tudo... Vamos ter muitas outras coisas interessantes para fazer.

– O barco é grande, parece-me que tem doze metros – informou Ana.

– Uhau!! Doze metros?! Não tem nada a ver com as banheiras que usamos ao fim-de-semana... E então, quem são os tripulantes?

– Para além de nós os três e dos nossos pais, vem um casal de amigos, ingleses, e trazem o filho, William, que é muito simpático e... tem a idade da Ana! – explicou Maria, piscando o olho à irmã, com ar de troça. – E por fim, claro, temos o *skipper*² do barco, o Alonso, com o filho, Javier.

– Que tem a *vossa* idade... – atalhou Ana, por seu turno.

– São espanhóis, não é? Deve ser uma vida fascinante, a de um *skipper* – suspirou André, com certa inveja.

– Bem... por acaso a deste *skipper* não é assim tão fascinante – comentou Maria, pensativa.

A irmã olhou-a com certa curiosidade. O que sabia Maria sobre o *skipper*? Ou estaria a inventar mais uma das suas histórias, para os entreter? Quem a conhecesse não se admiraria, sabendo que era um pouco exagerada, imaginativa, ficcionista

¹ Ver *O Segredo do Mapa Egípcio*, a primeira aventura da colecção Os Primos.

² O *skipper* é o patrão do barco e o responsável pela sua navegação. (N. da A.)

e dada a teatralidades. A sua inclinação para inventar e escrever narrativas a partir do nada, usando o dom mágico de um hábil contador de histórias, era famosa.

– Como é que sabes que a vida do Alonso não é *assim tão fascinante*? – inquiriu, com interesse.

Maria olhava fixamente para o teclado do computador, distraída com a reflexão que acabara de transmitir, e por momentos não a ouviu. Foi André quem insistiu, logo de seguida, dando uns toquezinhos de protesto no ecrã:

– Então, Maria? Que sabes tu da vida do *skipper*?

– Ummm?... Bem... Sei várias coisas, mas... parece-me que não era suposto sabê-las – segredou, misteriosa.

Ana e André fixaram-na com olhares denunciante.

– Não fiz de propósito, acreditem! Ouvi, sem querer, uma conversa que os pais tiveram noutra dia sobre o aluguer do barco e acerca do Alonso.

– Sim?... – perguntou André, mantendo a entoação levemente acusadora, mas mortinho por saber de que se tratava.

– Sim, sim! Pelo tom que usavam percebi logo que se tratava de um segredo ...

– E foi por isso que decidiste ouvir *sem querer*! – riu Ana.

– Bem... Eu... – balbuciou a irmã, fingindo-se envergonhada.

Sabia perfeitamente que era muito feio pôr-se à escuta atrás das portas. Os pais já lho tinham dito milhentas vezes, mas não se esforçava demasiado para o evitar quando pressentia a existência de algo misterioso. «Talvez venham a precisar da minha ajuda para desvendar qualquer coisa importante. Nunca se sabe! E nesse caso teria sido uma sorte eu ter passado por aqui neste momento e ter ouvido a conversa. Exacto! Deixa-me cá ouvir... Ainda me hão-de agradecer», costumava pensar, para afastar eventuais sentimentos de culpa e esperando um dia tornar-se uma heroína.

– Mas deixem lá! – exclamou, segura de si. – Se não estão interessados, não faz mal! Falamos de outra coisa. Por exemplo, como é que está o tempo aí em Portugal? Aqui em Londres...

– Anda lá, Maria! Deixa-te de mistérios. És sempre a mesma! – explodiu André.

– Está bem! Está bem! – consentiu ela, sem poder evitar o formigueiro que começava a sentir na ponta da língua e já disposta a apimentar a história com todos os pormenores que fossem surgindo na memória.

– Se te despachares, conto-vos um outro caso estranhíssimo que se passou recentemente em Valência e que tem a ver com barcos... – prometeu André, imaginando que o anúncio de um novo mistério levaria a prima a apressar-se e a iniciar a sua história de uma vez por todas.

Não se enganou. Maria respondeu de imediato à provocação.

– Ok, ok! Então aqui vai: O Alonso tem quarenta anos. É um homem estranho, ou pelo menos existe uma certa aura de mistério à sua volta.

«Parece que vivia em Madrid há uns anos atrás. Trabalhava em bares, à noite. Era casado e residia com a mulher e o filho num apartamento minúsculo na periferia da cidade. Parece que as coisas não andavam a correr muito bem. Não se dava com a mulher, não conseguia trabalhar muito tempo no mesmo sítio e tinha problemas financeiros. O dinheiro nunca lhe chegava para saldar as contas ao fim do mês. Apesar das dificuldades, Alonso arranjava sempre forma de pagar o colégio ao filho e de lhe comprar presentes quando conseguia pôr alguns trocos de parte. Javier era, sem dúvida, a pessoa mais importante da sua vida.

«Um dia, de repente, um certo inspector de Polícia prendeu-o, acusando-o de assaltar a mansão de um famoso actor espanhol. Alonso negou desde logo o seu envolvimento no roubo, mas as provas pareciam estar contra si, uma vez que não tinha álibi para o momento do crime.

«Os pormenores da história são muito estranhos: por um lado, a Polícia tinha sido chamada anonimamente por alguém que usara o telefone *da mansão*. Isto não fazia o menor sentido porque em princípio só lá estavam duas pessoas: o assaltante e o mordomo. O primeiro só teria chamado a Polícia se fosse um idiota chapado e o mordomo não teve tempo de o fazer porque foi de imediato agredido na nuca com um castiçal de estanho muito pesado, não chegando a ver o seu agressor antes de cair por terra.

«Embora insistisse na sua inocência, Alonso não foi capaz de explicar por que razão tinham as suas impressões digitais sido encontradas no castiçal...

«O outro elemento singular foi uma série de objectos que o assaltante se preparava para roubar. Tinham sido colocados dentro de um saco de plástico, ao lado da porta de serviço, mas o facto de não serem muito valiosos levantou as suspeitas da Polícia. Além disso, todos eles, sem excepção, tinham as impressões digitais de Alonso.

«Quando, no dia seguinte, o actor denunciou o furto de vários objectos de ouro e prata que não chegaram a ser encontrados, colocou-se a hipótese de Alonso ter um cúmplice. Este tê-lo-ia traído, telefonando à Polícia antes de se escapar com o produto do roubo e deixando-lhe apenas objectos que pouco valiam e que o denunciariam assim que fossem analisados.»

– Porque continham apenas as impressões digitais de Alonso... – deduziu Ana.

– Eu não disse que eram só as dele... – corrigiu Maria, contente por ver que a sua história começava a dar frutos. – Mas de qualquer forma adivinhaste: além das impressões digitais de Alonso e do empregado doméstico que se ocupava da limpeza, não foram encontrados nos objectos vestígios de mais ninguém.

– Mas isso não põe de parte a presença de um cúmplice! – lembrou André, pronto a demonstrar que também seguia o caso com interesse. – Que podia ter usado luvas...

– Tens razão – concordou Maria. – Porém, com cúmplice, ou sem cúmplice, e contra todas estas evidências, Alonso continuou a afirmar que nada tinha a ver com o assalto e que não sabia o que estava a fazer na mansão do actor no momento em que a Polícia o prendera.

«Ora, não conseguindo explicar as suas impressões digitais nos objectos, lembrou-se de dizer que provavelmente alguém o tinha drogado no bar onde se encontrava a trabalhar naquela noite e no qual fazia uns biscates de vez em quando. De acordo com a sua teoria, o verdadeiro ladrão tê-lo-ia levado para a mansão com o objectivo de arranjar um bode expiatório. Teria roubado tudo o que de valioso ali encontrara e depois ter-lhe-ia passado pelas mãos vários objectos que pouco valiam, para que neles encontrassem as suas impressões digitais. Por fim, teria fugido para lugar seguro, depois de ter chamado a Polícia.

«O problema é que Alonso não se lembrava de ter sido abordado por nenhum desconhecido, nem de ter bebido qualquer bebida que não tivesse sido ele próprio a preparar.

«A sua história fazia pouco sentido e é claro que a Polícia não podia ignorar os factos.

– Realmente, temos de admitir que é um pouco estranho um ladrão dar-se ao trabalho de levar outra pessoa consigo para o local do crime, só para arranjar um bode expiatório... – comentou Ana.

– Estranho, mas não impossível. – justificou André. – Os criminosos são pessoas com muita imaginação...

– Seja como for, não tendo sido descoberto nada que o ilibasse, não restava outra hipótese senão permanecer atrás das grades.

«O advogado meteu recursos atrás de recursos, mas nada adiantou para libertá-lo. Alonso nunca conseguiu que acreditassem nele. No final das batalhas judiciais, acabou por ser condenado a cinco anos de prisão.

«Entretanto a mulher, para quem o crime fora a gota de água num copo que já andava a transbordar há demasiado tempo, deixou-o e partiu para Barcelona, levando o filho consigo. Alonso não podia acreditar na sua pouca sorte.

«Javier, por seu lado, tinha imensas saudades do pai e não se dava bem com a mãe, com quem discutia a torto e a direito. A mudança não trouxe as vantagens que a mãe esperava e Javier acabou por transferir-se para casa dos avós, em Madrid.

«Apesar de só ver o pai durante as visitas que lhe fazia na prisão, a relação entre ambos foi-se solidificando cada vez mais ao longo do tempo. Falavam ao telefone sempre que podiam e trocavam correspondência todos os dias.

«Passaram-se dois anos inteiros até que a sorte resolveu, por fim, bater à porta de Alonso. O verdadeiro culpado pelo assalto à mansão do actor fora finalmente apanhado com a boca na botija num outro caso de furto e acabara por confessar o roubo pelo qual Alonso cumpria pena.

«O processo foi reaberto e a teoria que Alonso apresentara em sua defesa revelou-se exacta: o verdadeiro ladrão tinha-o, de facto, drogado e levado até à mansão para que a Polícia o encontrasse. Alonso foi, assim, libertado.

«Javier voltou a viver com o pai, que entretanto decidiu mudar de vida por completo: deixou os bares, transferiu-se para Valência e comprou um barco que começou a alugar a turistas graças à carta de patrão de alto mar, para a qual estudara enquanto estivera na prisão.

– Tudo está bem quando acaba bem... – concluiu André.

– Pois... Parece que sim – concordou a prima. – E o barco do Alonso é magnífico! Um *Hallberg Rassy 46* no qual passaremos a nossa semana em Valência.

– A sério?! Um *Hallberg Rassy 46*? – exclamou André, excitadíssimo e pronto para desvendar o que sabia sobre o assunto. – Esse barco é excelente! Tem quarenta e oito pés, ou seja,

quase quinze metros (e não doze, como vocês diziam), mais de dezasseis toneladas, três cabines, uma sala e é superconfortável!

– Imagino – riu Maria.

– Ummm... – murmurou Ana, que obviamente deixara de seguir a conversa. – Como é que uma pessoa, com tantas dificuldades económicas, consegue comprar um barco desses logo que sai da prisão?... E por que razão é que o assaltante escolheu Alonso para tomar as suas culpas? Conhecia-o? Ele tinha-lhe feito alguma coisa?... E porque é que o ilibou assim que foi apanhado? Se tivesse ficado calado poupava alguns meses de cadeia... E por que...

– Sei lá! – rematou Maria, com uma pressa surpreendente para mudar de assunto. – Eu bem disse que a história tinha um não-sei-quê de enigmático... Mas isso agora não interessa. Neste momento não podemos fazer nada para descobrir a resposta. Podes é colocar a pergunta directamente ao Alonso, assim que o virmos.

– Mas... – balbuciou Ana, estranhando a reacção da irmã.

– Esquece, esquece! Vamos, mas é, ao que é importante: André, agora já podes contar-nos o tal mistério do barco em Valência. De que se trata? Hã? – inquiriu, com tom perscrutador, enquanto enrolava uma madeixa de cabelos nos dedos.

«Ah, claro...», pensou Ana. Agora que concluíra a sua história e sabendo que havia uma outra a espreitar-lhe a curiosidade, Maria perdera o interesse em debater os pormenores da primeira.

André cruzou as mãos e fez uma cara muito séria, embora, na realidade, tivesse uma vontade enorme de desatar a rir. Agora era a sua vez de se meter com a prima e estava mesmo decidido a fazê-la sofrer, criando o máximo suspense possível.

– Bem... Trata-se de um caso muito estranho – adiantou, imitando as introduções típicas de Maria. – Fiquei a saber da história quando li um artigo de jornal que me veio parar às mãos *sem querer*...

– Ah! Estou a ver! – indignou-se a prima, percebendo o jogo. – Estás a brincar comigo, não estás? Não existe caso estranho nenhum...

– Claro que existe! – atalhou de imediato André. – E fica sabendo que se trata... de um misterioso veleiro-fantasma!

O anúncio, tal como previra, caiu que nem uma bomba, deixando Ana e Maria de boca aberta, curiosíssimas.

– Um veleiro...-fan...-fant-tasma? – balbuciou Ana. – Mas porquê fantasma? O que é que...

– Estou? – perguntou Maria, deixando de ver e ouvir o primo e apercebendo-se de que a ligação acabara de cair.

– Oh, não! – exclamou a irmã. – A chamada tinha de cair *neste preciso momento*? Está? Está lá?! Que aborrecido!

– Ummm... É estranho... – murmurou Maria, analisando a situação. – Não me parece que haja nada de errado com a Internet ou com o programa de chamadas... As ligações fazem-se sem problema, mas continuamos sem ver, nem ouvir o André...

– Ummm... Espera lá... – interrompeu Ana, pegando no rato e fazendo dois ou três cliques. – Aha! Eu bem sabia... É ele que está a interromper a ligação!

– A sério?! Que peste! Só para nos manter na expectativa! – queixou-se Maria, começando a roer a unha do dedo mindinho.

– O pior de tudo é que não podemos fazer nada a não ser esperar que ele se decida a parar com a brincadeira...

– Que coisa! Estou mortinha para saber de que história se trata! Um veleiro-fantasma é coisa de filmes... Achas que ele está a inventar tudo?

– Não sei... Mas podes tirar os dedos da boca porque unhas mais curtas não resolvem a situação.

Maria enfiou as mãos nos bolsos dos calções verde-claros que trazia vestidos, para resistir à tentação de voltar a roer as unhas, e resignou-se a aguardar.

Passados dois minutos, André regressou de novo ao ecrã, todo sorridente:

– Desculpem, tive uns problemazinhos com a linha... Espero que não tenham sofrido muito com a demora!

– És mesmo mauzinho! – queixou-se Maria. – Fizeste de propósito!

– Eeeeeuuuuuuu????! – exclamou ele, com uma indignação propositadamente fingida e rindo às gargalhadas. – Claro que não! Estás enganada...

– Vá! Deixem-se de cenas! – sugeriu Ana, levada pela curiosidade. – Conta, mas é, a história do veleiro-fantasma!

– Pronto, pronto... Estava só a brincar convosco! – riu o primo, esboçando o sorriso inocente que acabava invariavelmente por desculpá-lo. – Imaginem que há pouco tempo encontraram um veleiro abandonado na costa de Valência, longe do porto, para *cascos de cavalo*!

– Queres dizer *cascos de rolha*... – escarneceu Maria, anotando o enésimo disparate do primo no seu livrinho de notas.

– Seja o que for – respondeu André, fingindo não lhe dar importância, mas secretamente maravilhado por ver que o raio do livro nunca se encontrava a mais de um metro de distância da prima. – O que interessa é que estava abandonado.

– Mas abandonado como? Não havia ninguém lá dentro? Se calhar tinham ido dar uma volta...

– Não parece muito provável – obstou ele. – Em primeiro lugar, o barco andava à deriva e corria o risco de embater noutras embarcações...

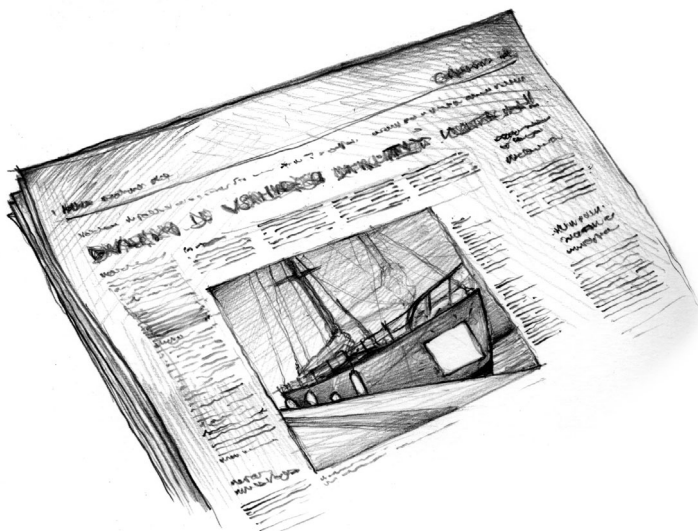
– Bem... Talvez não o tivessem ancorado como deve ser – propôs Maria, insistente.

– Ummm... Pode ser, mas ouçam o resto: além de andar à deriva, o barco não passou por nenhum outro porto espanhol e até hoje não se descobriu quem é o proprietário. E ainda por cima, não tinha nome, pois este tinha sido apagado!

– Apagado? – indagou Ana.

– Sim. Pela fotografia que vinha no jornal, dava a impressão de que a placa onde podia estar o nome e a matrícula tinha sido

arrancada do casco. Ou seja, não se sabe a proveniência do barco, para onde ia, nem o que estava ali a fazer. Esperem... talvez tenha aqui o artigo – disse André, procurando o recorte numa pasta de papéis, ao lado do computador. – Aqui está! Vejam!



Ana e Maria observaram a fotografia como dois detectives acabados de chegar ao local de um crime. O barco era enorme, tinha dois mastros e parecia estar em excelentes condições, não obstante o casco danificado na zona onde outrora se pudera ler o nome e a matrícula. Agora, em seu lugar, eram apenas evidentes quatro linhas de ferrugem que desenhavam um quadrado na carcaça branca e imaculada da embarcação.

– Na fotografia não se vê, porque as velas estão dobradas sobre as retrancas¹, mas o barco tinha uma das velas grandes

¹ Traves de madeira ou metal que se ligam ao mastro, colocadas na horizontal, na parte inferior das velas grandes, e que são móveis, servindo para manobrar as velas. (N. da A.)

rasgada – explicou André. – Já viram? Trata-se de um veleiro antigo, de vinte e dois metros, muito elegante. Foi construído em madeira e por encomenda...

– Por encomenda?! – exclamou Maria. – Então deve ter custado imenso dinheiro! Barcos assim devem ser raros...

– Lá isso é verdade – concordou André.

– E essa informação não ajuda a Polícia?

– Devia ajudar, mas ainda não conseguiram descobrir onde foi construído.

– O proprietário deve ser riquíssimo!

– Uhhh... Se ainda não descobriram quem ele é, imagino que também desconheçam quem eram os tripulantes, não é verdade? – perguntou Ana.

– Adivinhaste. Além de umas cartas de navegação holandesas, não havia documentos nenhuns dentro do barco. Nem diário de bordo, nem nada que pudesse dar indicações para esclarecer o mistério.

– Que coisa tão estranha... – reflectiu Ana. – O que dizem as autoridades holandesas?

– Dizem que até agora ninguém se queixou de perder um barco... – riu André. – A verdade é que desaparecem imensos barcos no mar e muitos deles nunca chegam a ser encontrados.

– E porque é que desaparecem? – quis saber Maria.

– Acho que a maior parte dos casos se deve a descuidos dos tripulantes que vão explorar a costa ou o fundo do mar sem ancorarem bem os barcos. Depois, quando voltam, não os encontram...

– Tal como eu imaginava. Gente como tu, com a mania da caça ao tesouro!

– Pois olha que encontrar tesouros debaixo de água deve ser incrível! Há gente que dedica a vida a isso. Mas voltando aos navios-fantasma, por vezes, o mistério nunca chega a ser resolvido. Há vários casos no mundo e alguns são bem assustadores, garanto-vos!

– A sério? – indagou Maria, curiosa.

– Sim... Diz-se que alguns desaparecem durante décadas e que depois voltam a aparecer, dando à costa, de repente, sem grandes estragos e com os cadáveres da tripulação a bordo...

– E um enorme tesouro no porão! – ironizou a rapariga, duvidosa, pegando de novo no seu livrinho de notas. – Isso são apenas histórias de marinheiros!

O comentário do primo acabava de fornecer-lhe um par de ideias engraçadas para uma história fantasmagórica, mas era necessário anotá-las de imediato, antes que se lhe esvaíssem da memória.

– Quem sabe? – respondeu André.

– Pois... O facto de este barco não ter matrícula nem nome indica que se trata de algo aparentemente inexplicável... – considerou Ana. – Mas alguma explicação tem de haver! Não acredito nas histórias dos marinheiros sobre navios-fantasma, mas... este também não me parece ser o caso em que os tripulantes vão dar mergulhos... Não encontraram mesmo mais nada a bordo?

– Ah sim! – disse o primo, com uma voz culpada. – Já me esquecia...

Ana olhou de soslaio para a irmã. Era óbvio que André tinha decidido esconder o melhor da história para o fim.

– De que é que te esquecias? Hã? Vê lá se a Internet não se desliga outra vez *sem querer*... – escarneceu Maria, cruzando os braços e fixando a *webcam* com um olhar penetrante. – Encontraram vestígios de extraterrestres, ou algo parecido, foi¹?

A piada da jovem levou André a esboçar um sorriso.

¹ Alusão a um episódio do primeiro livro da colecção Os Primos, *O Segredo do Mapa Egípcio*, no qual André, na brincadeira, consegue convencer um amigo de que é filho de extraterrestres do Planeta *Aldox*, dizendo-lhe que *Andinidium* era o seu nome original, antes de vir para a Terra, e que mais tarde escolhera o nome de *André*. (N. da A.)

– Olha que não estou a inventar, ouviste? Este caso do veleiro-fantasma é mesmo verdadeiro. E muito esquisito... Imaginem que a mesa estava posta e havia restos de comida egípcia nos pratos!

Ana e Maria deixaram escapar uma exclamação em simultâneo:

– O quê? Comida egípcia?

– Sim... Comida egípcia que obviamente não tiveram tempo de acabar de comer. Além disso havia roupas velhas e rasgadas que se pensa pertencerem a emigrantes clandestinos.

– Então é isso mesmo! – concluiu Maria. – Trata-se de um daqueles barcos que traz emigrantes clandestinos das costas africanas para o Continente Europeu. Está resolvido o mistério!

– Nada disso... – obstou André. – Os barcos que fazem tráfico de emigrantes clandestinos são velhos e estão sempre em péssimo estado. Além disso, são tripulados por gente malvada a quem só interessa ganhar dinheiro com a desgraça dos outros. Chegam a cobrar milhares de euros aos pobres emigrantes por um lugar num barco sobrelotado, sem quaisquer condições e sem garantias de chegarem a um porto seguro. Muitas vezes os barcos até se desfazem no meio do mar, naufragando, e os passageiros desaparecem sem deixar rasto.

– Que coisa tão desumana... – disse Ana.

– E se o barco fosse usado para fazer contrabando de droga? – propôs Maria, pensando noutras hipóteses.

– Negativo. Os cães puseram essa possibilidade fora de questão assim que a Polícia Marítima os deixou entrar. De acordo com os polícias, tem de haver outra justificação. Dizem que este barco é demasiado caro e que ninguém ia colocar uma jóia destas nas mãos de traficantes de droga ou de emigrantes clandestinos...

– Bem... há gente para tudo e como dizias há pouco: os criminosos são pessoas com muita imaginação... – observou Maria. – Então e qual é a tua teoria?

– Sei lá... Mas seja o que for, acho que seria fantástico se tivesse alguma coisa a ver com...

– ... Um tesouro enterrado no fundo do mar! – exclamaram as primas em simultâneo, antes de explodirem numa gargalhada estrondosa.